

Obras intactas ou recuperáveis



Oton Gilha, "Clomece III"



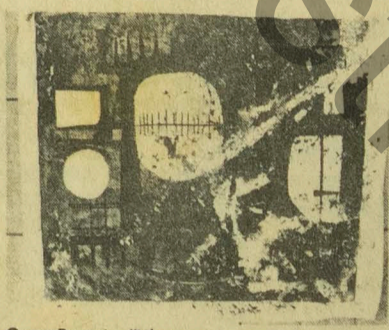
Brancusi, "Mademoiselle Pogany"



Firmino Saldanha, "Composição"



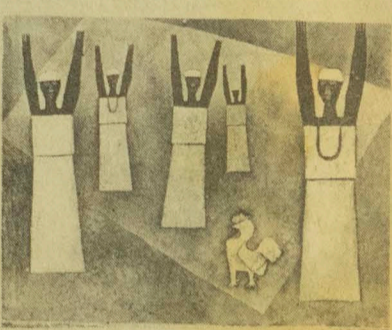
Antônio Bandeira, "A cidade"



Oscar Pantoja, "Libre ensaio em que lo remoto se verifica en un punto"



Alberto Magnelli, "Composição"



Lula Cardoso, "Xangô"

Uma relação do que pode ser restaurado

Até agora foram encontradas, intactas ou recuperáveis, as seguintes obras do acervo do MAM:

Um óleo de Pollock, doado por Nelson Rockefeller; a escultura "Mademoiselle Pogany", de Brancusi, doada por Roberto Marinho; o óleo "O índio verde-amarelo" de Glauco Rodrigues; "Retrato de senhora" e "Paisagem marinha", de Guignard; uma colagem de Lúcio Fontana; uma colagem de Ivan Serpa; o óleo "Regina", de Scliar; "Natureza morta", de Michel Petrix; "Têmpora", de Ivan Serpa; "Stranho", de Manabu Mabe; "Baianas" de Ivan Moraes; "A espera", de Cicero Dias; "Fazenda de chá do Itacolomi", de Dianira; um óleo de Luimá de Paula; dois óleos de Pougny; "Composição", de Firmino Saldanha; Elza S; Wilma Pasqualini; "O caminho das estrelas" de Maria Helena Andrés; "A cidade", de "Noite", de Antônio Bandeira; "Superfície lisa", de Marlita Gianetti; um óleo de Luis Feito; três gravuras de Fayga Ostrower; um óleo do uruguaio Oscar Garcia Reino; "Después de la siesta" de Nitsua Aizman; "Libre ensaio em que lo remoto se verifica en un punto", de Oscar Pantoja; "Brujas y más brujas", de Jorge Paez Villard; "Casas enormes", de Henrique Oswald; um painel de Clido Meireles; 11 desenhos de Goeldi; "Clomece III", de Oton Ylha; a litogravura "O passio de Satanás", de Roberto Magalhães; o bico de pena "Amanhecer", de H. Steiner; desenhos de Percy Lau e Luis Jardim; um

desenho a bico de cera de Vicredi; a gravura "Cangaceiro", de Aldemir Martins; duas gravuras de metal, do chileno Eduardo Vilches; "Xangô", de Lula Cardoso; um guache de Arcaño Ianelli; uma litogravura de Vera Tormenta; dez serigrafias de Dionisio del Santo; uma gravura de Artur Luis Piza, premiada na Bienal de São Paulo; uma litogravura de Jorge Barradas; um guache de Aloisio Zaluar; várias gravuras de Theza Miranda, uma delas intitulada "Nova germinação"; "Composição", de Alberto Naguelli; desenhos eróticos de Flávio de Carvalho; um álbum de serigrafias de Scliar; um pequeno guache de Heitor dos Prazeres; 11 gravuras de Heinz Hanzen; e seis gravuras do suíço Jorg Schelder (ele tinha 80 peças no MAM).

Há ainda duas esculturas de Max Bill, três de Enio Iommi e outras de Sérgio Camargo, Maria Martins, Henry Moore, Osmar Dillon, Ascânio M. M. e Rubem Gershman, um Exu de Mário Cravo, um objeto de Cesar Domela, uma escultura de Jean Arp, quase se esfacelando, esculturas de Fernando Jackson Ribeiro, um bronze de Facio di Giorgio, uma escultura de Germaine Richier e a tapeçaria de Jacques Ducher.

A relação é incompleta, segundo o próprio MAM, que ainda não concluiu o levantamento das obras encontradas intactas ou em condições de serem recuperadas.

Perito contesta bombeiros: não havia segurança contra fogo

O engenheiro suíço Karl Giger, especialista em prevenção de incêndios, um dos peritos que inspecionaram o Museu de Arte Moderna em julho do ano passado, contestou o certificado de aprovação do Corpo de Bombeiros apresentado à imprensa anteontem, segundo o qual o prédio do museu estava em boas condições de segurança.

— Se tudo estava em ordem, por que o prédio pegou fogo e quase tudo foi destruído? — indagou o engenheiro, ressaltando ser "admirador do trabalho dos bombeiros, em sua especialidade de combate ao fogo".

Karl Giger desmentiu a informação de sua firma, a "Qualicontrol", de que estava ausente do Rio, e esclareceu que não tem ido trabalhar por recomendação de seus chefes, "para evitar publicidade em torno do assunto". Encontrado em seu apartamento em Copacabana, na madrugada de ontem, ele a princípio não quis falar, mas resolveu fazer declarações quando foram levantadas dúvidas quanto à sua inspeção no MAM.

— Respeito muito o trabalho dos bombeiros — disse —, mas não posso aprovar o documento do Corpo de Bombeiros, que a diretora do museu exibiu aos jornais como prova de que o MAM estava em boas condições.

O engenheiro explicou que a inspeção dos bombeiros destina-se a verificar as condições que tem um prédio para debelar o fogo.

Eles querem ver como estão os hidrantes, as mangueiras e outros objetos utilizados no combate a incêndios. A nossa inspeção no MAM foi feita para saber se o sistema de prevenção era adequado, se impediria que o fogo se propagasse. Quanto à afirmação da diretora do museu, Heloisa Lustosa, que disse aos jornais não ter recebido o relatório de sua inspeção, Karl Giger acha que "ela não quer reconhecer o lapso".

— Com as nossas recomendações, ela poderia ter protegido todo o patrimônio do museu.

Ele confirmou que uma cópia do documento foi entregue ao MAM, outra à Planam (Corretora de museus, com sede em Curitiba) e outra à seguradora Ajax. Disse ainda que foi apresentado a Heloisa Lustosa por um corretor da Planam em 19 de julho do ano passado, quando começou a inspeção.

— Estive em contato com d. Heloisa Lustosa várias vezes, no período de 19 a 28 de julho, e voltei a vê-la, em seu gabinete, dia 24 de agosto, quando terminei meu relatório sobre as péssimas (ele discorda do termo "razoáveis" usado pelo diretor da Qualicontrol, em entrevista ao GLOBO, anteontem) condições do museu.

ALARMA

Para Karl Giger, "levando-se em conta o valor do patrimônio do museu, sairia até muito barata a instalação de um novo sistema de prevenção de incêndios", como ele recomendou em seu relatório. O novo sistema, segundo ele, custaria Cr\$ 120 mil por metro quadrado, e utilizaria apenas equipamentos nacionais, fabricados por uma indústria do Rio.

— O "Signum", que era o sistema de alarme existente no MAM, além de defeituoso e com falta de várias peças, já foi ultrapassado pelo detector de fumaça. O "Signum" só dá o alarme quando a temperatura chega a 80 graus; para acionar o detector de fumaça, basta que 20 pessoas comecem a fumar ao mesmo tempo numa sala.

Karl Giger acha "injústas" as acusações contra o vigia do MAM, que não teria chamado os bombeiros imediatamente após o início do incêndio.

— Que culpa pode ter o vigia, se os alarmas não funcionavam? Durante a minha inspeção, encontrei até fios isolados com esparadrapos.

Informado de que a seguradora Ajax também negara ter recebido uma cópia do relatório da inspeção, o engenheiro disse que "não pode entender" a afirmação da seguradora.

Museu do Prado sugere ajuda européia para recuperar MAM

MADRI — O diretor do Museu do Prado, José Manuel Pita Andrade, em entrevista exclusiva ao GLOBO, que os artistas e museus europeus ajudem a reconstruir o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. E apresentou um projeto concreto: os grandes artistas contemporâneos, como Joan Miró e outros, poderiam oferecer quadros, e em todos os museus do Continente seriam colocadas urnas, nas quais o público depositaria o dinheiro de que pudesse dispor.

DE ALBINO CASTRO FILHO, correspondente do GLOBO

Galego de La Coruña, catedrático de "História da Arte" na Universidade de Granada, Pita Andrade tomou posse no Museu do Prado no dia 28 de março deste ano, substituindo o catalão Xavier de Salas. Preocupado com o que ocorreu no Rio, ele lembrou que no Museu do Prado, um dos mais importantes do mundo, há permanentemente uma equipe do corpo de bombeiros e existem ainda outros dispositivos de segurança capazes de fazer soar um alarme ao simples aumento da temperatura — o que ocorre, às vezes, no verão, quando o termômetro em Madri chega aos 40 graus.

— O incêndio no Museu de Arte Moderna, no Rio, foi sem precedentes no setor das artes no Brasil. Sabe de casos similares — mesmo com causa diversa — na Espanha?

— Não, aqui, não. Aliás, o que me deixou impressionado, no caso do MAM, foi o fato de se tratar de um edifício moderno. A arquitetura brasileira é arrojada, moderna, uma das mais avançadas do mundo. Não posso compreender como pode ter ocorrido um incêndio. Na Guerra Civil Espanhola (de 1936 a 39), muitas peças, naturalmente, foram destruídas, mas os museus, de um modo geral, ficaram preservados. Não me recordo de nada igual na Espanha. Só em 1734, quando o Palácio Real de Madri (onde está hoje o Rei Juan Carlos I de Bourbon) pegou fogo. Mas não era exatamente um embora muitos quadros tenham sido devorados pelas chamas. A propósito, o Museu do Prado, que foi inaugurado em 1819, a princípio com peças até o século XVIII, herdou muitos quadros salvos do incêndio de 1734.

— Mas no incêndio que recentemente destruiu o Pazo de Meiras, residência de verão de Franco, na Galícia, perderam-se muitos quadros, não?

— Desapareceram muitas obras de importância, mas sua quantidade — em relação ao MAM — foi pequena. Havia muita variedade. O prejuízo foi mais em termos de móveis e outros objetos de valor.

— O Museu do Prado já correu perigo de incêndio? Quais as ameaças que sofreu (roubos, incêndios, atentados etc)?

— Há várias décadas, um jornal madrilenho publicou uma reportagem ima-

ginária sobre um incêndio no Museu do Prado. Foi uma reportagem fundamental para a conservação do Museu. O trabalho visou alertar para o perigo que o Prado corria. Depois disso, o Museu passou a ter um serviço de segurança que considero exemplar — e sofreu reformas. A começar pelo próprio piso. Antes, em todos os andares era de madeira e havia o perigo de um incêndio. Mudamos tudo. Por coincidência, só o meu escritório, onde estamos agora, continua com soalho. Mas vamos mudar também. O único problema grave que tivemos, agora me lembro, foi um grande roubo, em 1918, chamado na época de o "tesouro do delírio", pois as peças tinham sido do filho de Luis XIV. Levaram jóias, vasos antigos, cristais de rocha. Mas não sofreram nunca nenhum atentado.

— Aqui, temos permanentemente, durante 24 horas por dia, uma equipe do Corpo de Bombeiros de plantão. E em todas as salas existem dispositivos especiais de prevenção contra incêndio ou roubos. Recentemente, instalamos detectores automáticos: soa uma sirena, quando sobe a temperatura. Tudo é muito vigiado. Agora mesmo, a metade das salas do Museu está fechada para obras que visam dar ainda mais segurança.

E durante a Guerra Civil?

— Medidas especiais para proteger o Museu evitaram sua destruição. Tanto o prédio como os quadros foram protegidos. Muitas obras foram transferidas para a cidade de Valência e depois para Barcelona. Por fim, os quadros seguiram para Ginebra, onde em 1939 realizou-se uma grande exposição. Não houve danos graves e, em todas as idas e vindas, nenhuma obra foi roubada.

— Vamos falar mais do Museu do Prado propriamente dito. Qual é o total do acervo de quadros, valor das obras, lugar que ocupa entre os museus do mundo, medida de público visitante?

— No Museu há cerca de três mil quadros, dos quais aproximadamente 2.500 estão expostos. Mas o total de quadros pertencentes ao Museu é o dobro, isto é, seis mil. Três mil estão sempre emprestados a diversos museus, do mundo inteiro. O valor de todo o acervo? Incalculável. Impossível calcular. Por isso mesmo não posso ter seguro. Um museu como este não pode ter seguro. Seguro como? E o Estado que garante museus como o do Prado e o do Louvre. Também não posso dizer exatamente o lugar que o Prado ocupa na ordem de importância dos museus, porque o nosso é bem específico. O Louvre, por exemplo, tem muitas esculturas. Mas, no Prado, 90 por cento da coleção são pinturas. O nosso acervo é a coleção dos reis de Espanha, até o século passado. Aqui está refletida a história do

país. Nem em Veneza, por exemplo, há tantos quadros de Ticiano como no Prado. E o mesmo acontece em relação aos pintores flamengos — o caso de Rubens. O melhor de Velazquez e Goya está no Prado. Pode-se até fazer um museu só de Goya, com todas as obras dele que temos aqui. Quanto à média de visitantes, há dias em que temos sete mil, porém o número oscila entre três e quatro mil.

— Existe um organismo espanhol especial para tratar dos museus? E as dotações são grandes?

— Na Espanha, o Ministério de Cultura, é claro, cuida dos museus, através de uma subdivisão da Direção Geral de Patrimônio Artístico, Arquivo e Museus. Dependemos apenas do Estado, e os recursos econômicos, sinceramente, não são dos melhores. Precisamos de mais dinheiro. Os diretores de museus fazem um grande esforço para que as obras sejam conservadas.

— E existe um organismo internacional?

— Sim, é o ICOM, ligado à Unesco, mas a ajuda é insuficiente.

— De que forma esses organismos estão vendo esses riscos, não só de incêndio, mas de roubos, atentados individuais ou coletivos (o caso de Versalhes)?

— Com muita tristeza. O clima de tensão que existe no mundo é responsável por isso. Há dois tipos de destruição: a dos loucos, como ocorreu em Amsterdã e Roma, e a dos grupos que se dizem políticos. Creio que nenhuma atitude política pode justificar uma agressão às artes. Nenhuma ideologia poderia apoiar a destruição de uma obra de arte. Eu, particularmente, acho que essas ações não deveriam ter grande destaque na imprensa, rádio e Tv, porque podem despertar em muita gente anormal o desejo de destruir um quadro. Podemos fazer uma prevenção contra incêndio e roubo, mas é difícil controlar todas as pessoas que chegam perto de um quadro e, de repente, puxam um punhal e rasgam a tela.

— O que os museus ou fundações da Europa poderiam fazer para ajudar o MAM?

— Acho que todos os museus e artistas poderiam prestar uma grande ajuda na reconstrução do MAM, oferecendo obras e dinheiro. Em momentos assim, é necessária uma solidariedade internacional. Creio que o ICOM pode centralizar uma ação, justamente agora, criando um fundo para obter doações e contribuições para o MAM. Como se trata de um museu de arte contemporânea, é possível também obter obras doadas pelos próprios artistas, como Joan Miró, por exemplo. O público visitante de museus poderia também contribuir, numa "caixinha" instalada nos principais museus da Europa. Enfim, deve-se tentar fazer alguma coisa que atene a lástima da destruição do museu e dos quadros importantes de Picasso, Portinari, Torres-Garcia, Genuvese e outros mais.

Na Espanha, nenhum incêndio em museu

A crítica de arte da revista espanhola semanal "Cambio 16" (cuja tiragem é de 500 mil exemplares), Mercedes Lazo, não se recorda de nenhum museu em seu

país que tenha sido destruído por incêndio.

— Pouco antes da redemocratização da Espanha — diz Mercedes Lazo — foi organizada uma exposição de Pablo Picasso em Madri. E ocorreu então a única tragédia de que se tem notícia em museu espanhol. Um grupo de extrema direita invadiu a sala da exposição aos gritos de "Viva Cristo Rei!" e destruiu alguns quadros. Mas incêndio nunca. A situação dos museus daqui é, de certa forma, semelhante à dos brasileiros, inclusive em cidades como, por exemplo Toledo, onde está concentrada a maior parte da obra de El Greco.

Heloisa Lustosa estuda hoje medidas com Reis Velloso

A diretora do Museu de Arte Moderna, Heloisa Lustosa, terá um encontro hoje com o Ministro do Planejamento, Reis Velloso, no Ministério da Fazenda, no Rio, para estudar as medidas que o Governo federal poderá tomar para auxiliar na recuperação do MAM. Ontem, Heloisa Lustosa disse que não poderá apresentar ao Ministro uma estimativa do custo da reconstrução do museu, por não ter ainda um levantamento pronto.

Ontem à tarde, o Secretário estadual de Obras, Hugo de Mattos, visitou o museu, por determinação do Governador Faria Lima, reunindo-se com ambos os membros da comissão técnica de recuperação do MAM. Segundo ele, "até o final da próxima semana será possível ter uma estimativa dos gastos com a reconstrução". A reunião com a comissão técnica, afirmou, teve a finalidade de "ver objetivamente o que o Governo do Estado pode fazer para ajudar".

— As primeiras medidas para a reconstrução do MAM — disse — devem ser tomadas no menor prazo possível. Amanhã (hoje), a Secretaria de Obras enviará três técnicos ao museu, para fazer um levantamento. O Governo quer dar assistência ao MAM, por considerá-lo importante e valioso para o Estado e o País. Assim, os governos estadual e federal estão unidos para ajudar o museu.

Da reunião com Hugo de Mattos, a qual a imprensa não teve acesso, participaram o coordenador-geral do grupo de trabalho, Embaixador Hugo Gauthier, e vários membros da comissão técnica que o assessorava, entre os quais Jorge Machado Moreira, presidente da comissão e representante do Clube de Engenharia, Luis Paulo Conde, presidente do Instituto dos Arquitetos, e Lenita Marinho, funcionária do museu e secretária da comissão. Os outros participantes foram Gilberto Chateaubriand, membro da comissão de acervo do MAM, e os engenheiros Afonso Brito, Antônio Carlos Teixeira, Priscila Sholl, Erg Sholl e Carlos Nelson Goes.

Também ontem, reuniram-se com Heloisa Lustosa, os chefes dos diversos setores do MAM — cinemateca, literatura, desenho industrial, sala Corpo e Som, acervo —, um representante da Associação de Artistas Plásticos, Carlos Vergara, e o presidente do Comitê Permanente para a Reconstrução do MAM, professor Mário Pedrosa.

INFILTRAÇÃO

Heloisa Lustosa informou ontem que, no final do ano passado, quando se cons-

NA BOLSA

Na Bolsa de Arte de Madri, à Calle Alcalá 68, os agentes demonstravam preocupação e diziam que com ocorrências assim o mercado oscila bastante e a tendência é aumentar o preço de algumas obras. Os diretores de museus do "Escorial", em Madri, "Picasso" e "Joan Miró", ambos em Barcelona, lamentaram muito as perdas do MAM. Santiago Amon, crítico de arte do diário "El País", disse:

— Conheci o MAM há quatro anos e a notícia do incêndio deixou-me consternado. O que não entendo é como um museu tão moderno possa ter sido devastado pelo fogo. E doloroso. Uma perda irreparável para a cultura do mundo inteiro.

tatou uma infiltração no teto do museu, causada por um balão que caiu no teto, destruindo a impermeabilização, a diretora mandou fazer uma vistoria por uma firma especializada em revestimentos, que apresentou um relatório, apontando também outras reformas necessárias, com um orçamento de Cr\$ 13.431.570. A diretoria do MAM, como não dispunha deste dinheiro, vem tentando conseguir uma verba junto ao MEC desde aquela época. O relatório será entregue hoje a Reis Velloso.

Baseado-se neste relatório, e num exame que ainda será feito, para saber se as estruturas do prédio não foram abaladas, pelo incêndio, a Comissão de Reconstrução do MAM decidirá como será feita a reconstrução. Heloisa Lustosa disse "do ponto de vista da funcionalidade cultural, o projeto do MAM, de autoria de Eduardo Reidy, tem sido muito elogiado ao longo dos anos, pois serve tanto às grandes como às pequenas exposições e às mais diversas atividades culturais", mas ressaltou que não se pensou tanto nos riscos de incêndio, "mesmo porque na época ainda não havia as modernas técnicas de preservação que existem hoje". A reconstrução, segundo ela, tentará "preservar essa funcionalidade, aliada também a uma maior preocupação com a segurança".

Iphan prepara reforma do Museu Nacional

Dois técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional iniciaram ontem o levantamento de dados para a reforma e ampliação do Museu Nacional, visando principalmente afastar os riscos de perdas do patrimônio cultural e científico através de incêndio, geadas e variações de luz, calor e umidade. O diretor do museu, Luis Emygdio de Melo Filho, mostrou ontem as 33 salas de exposições e demais dependências do Paço Imperial ao engenheiro Heraldo Guimarães Reif de Paulo e ao arquiteto Theodoro Joels, do IPHAN.

e a Superintendência de Transportes do Estado, além do Jardim Zoológico.

SERVIÇO ARTESANAL

O engenheiro Heraldo Guimarães disse que o diretor do IPHAN, Renato Soeiro, e o diretor do Museu Nacional estão sob permanente estado de tensão, devido aos perigos que correm as coleções do Museu. Na Divisão de Geologia, ele possuía em 1955 (data do último levantamento) 7.200 exemplares de minerais, 5.600 rochas, 3.000 fósseis de vegetais, 81 meteoritos e 918 amostras de geologia econômica. Na Divisão de Zoologia: 56.563 mamíferos, 25.044 aves, 8.123 répteis, 12.022 anfíbios, 75.000 peixes, 117.848 insetos, e 18.156 outros invertebrados. Divisão de Antropologia: mais de 100 mil espécimes; Divisão de Botânica: 500 mil excisas do herbário, 400 exemplares da coleção carpológica, 130 peças em meio líquido, e 9.200 talófitos e briófitos. A biblioteca tem 400 mil livros.

Enquanto não se removem os ocupantes dos imóveis que fazem parte da Quinta da Boa Vista e não se constroem os novos prédios, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional deverão providenciar a reforma do Paço Imperial. Segundo afirmam Luis Emygdio e Heraldo Guimarães, este será um serviço artesanal, que deverá demorar mais tempo do que a restauração do Teatro Municipal, concluída há pouco. Haverá necessidade de executar, sala por sala, os serviços de reforma do telhado, do forro, paredes, instalações hidráulicas (as instalações elétricas já foram reformadas) e piso. Não se pode fazer uma previsão de prazo, porque não se sabe o estado de conservação daqueles componentes do prédio.

Lembram ainda que a situação do museu é tão precária que ele não dispõe nem sequer de uma oficina satisfatoriamente instalada e de pessoal habilitado para a conservação do prédio. A verba anual, para isso, não chega a Cr\$ 300 mil.

ULTIMA REFORMA

A última reforma completa do prédio da Quinta da Boa Vista foi feita em 1945, disse o diretor do Museu. O espaço para a exposição de coleções, pesquisas, ensino de pós-graduação e guarda de material é insuficiente, havendo necessidade de construção de novos prédios. O Jardim Zoológico, que já está saturado, deverá ser mudado para outro local, segundo informou, acrescentando que o Museu Nacional pretende construir sua nova sede naquele terreno e ocupar outros imóveis que no passado pertenciam à Quinta da Boa Vista. Luis Emygdio preferiu não citar quais são esses imóveis, mas eles estão relacionados em relatório apresentado ao Conselho Federal de Cultura pelo seu vice-presidente, o Zoológico José Cândido de Melo Carvalho, que foi diretor do Museu Nacional de 1955 a 1961. São eles os estabelecimentos militares, o presídio

Diretor da 'Corpo e Som' e administrador depõem hoje

O delegado-titular da 3ª DP, Armando dos Santos Pereira, ouvirá hoje às 13h os depoimentos do administrador do MAM, Luiz Vieira, e do diretor da sala Corpo e Som, Sidney Müller. E possível que também o PM Carlos Alberto de Souza, de serviço no local na hora do incêndio, preste hoje seu depoimento.

Segundo o delegado, "há ordens sumárias para não botar mais lenha na fogueira", e por essa razão os depoimentos serão tomados sigilosamente, não sendo permitido o acesso à imprensa.

Pode levar 30 dias, ou mais, até que todos os envolvidos sejam chamados a depor, e esteja concluído o inquérito policial. Para o inspetor-chefe da Seção de Apoio Operacional (SAO) daquela delegacia, Décio Demarco, "um depoimento puxa o outro, na medida em que novos nomes vão surgin-

do, e vamos enviando ofícios às pessoas citadas para que venham prestar depoimento".

O chefe da SAO disse também que o inquérito será levado a efeito "rigorosamente de acordo com a lei, sem deixar que nada nos afaste da verdade, pois, a despeito do valor cultural do MAM, aquele foi um incêndio como qualquer outro, do ponto-de-vista policial".